



CENÁRIOS PUC MINAS

Análises

14/03/2011 – A reação africana às revoltas no mundo árabep.01

O Norte da África e o Oriente Médio têm sido palcos de revoltas não comuns a países de tradição árabe. O Magreb, onde as revoltas alcançaram resultados mais significativos, se tornou capa dos principais jornais do mundo e fez com que o mundo se voltasse àquela região. As implicações dessas revoltas além dos países dessa região foram sentidas em todos os continentes. Na África Subsaariana, parte importante da vizinhança do mundo árabe, pode-se verificar tais implicações.

14/03/2011 – As diferentes reações na América sobre os protestos no mundo islâmicop.08

Os protestos no mundo islâmico ganham destaque na mídia internacional e geram diferentes posicionamentos dos países nas diversas regiões do mundo. Essas disparidades devem ser avaliadas de acordo com os princípios da política externa e o papel político do país na conjuntura internacional. No caso do continente americano, os posicionamentos dos Estados Unidos, Brasil e Venezuela podem ser contrastados.

14/03/2011 – Ecos na Ásia: reflexos das revoltas árabes e possibilidade de um “efeito dominó”p.13

Os movimentos contra governos totalitários na Tunísia, Egito, dentre outros no mundo árabe, motivam grupos de oposição de vários países a buscarem uma mudança. Na Ásia, países como China e Irã já sentem ecos desta onda. Mas revoluções populares não são novidades no continente, que servem como exemplo para os árabes deste início de década.

14/03/2011 – A reação europeia em relação às revoltas no mundo árabe.....p.19

Desde o final do ano passado vários países do Norte da África e do Oriente Médio se transformaram em um amplo palco de grandes manifestações populares que visam derrubar ditadores que se perpetraram no poder por algumas décadas. A União Européia, antes parceira dos países da região, mudou o discurso e já aprovou um pacote de sanções destinadas à Líbia. Uma ação mais intensa, como uma invasão, não esta totalmente descartada.

Texto Informativo

14/03/2011 – A atual situação do Egito e as perspectivas para reconstrução do país ..p.23

Após vários dias de protestos da população, Hosni Mubarak, presidente do Egito, há 30 anos no poder, renuncia. O ditador deixou o poder para o exército, e o anúncio de sua renúncia foi feito pelo vice-presidente, Omar Suleiman, através da TV Estatal. Desde então, as Forças Armadas estão governando o país, afirmando que pretendem administrá-lo por aproximadamente 6 meses, até que aconteçam as próximas eleições.

A reação africana às revoltas no mundo árabe

Análise
África Subsaariana
Carlos Roberto de Souza Junior
Marina Scotelaro
14 de março de 2011

O Norte da África e o Oriente Médio têm sido palcos de revoltas não comuns a países de tradição árabe. O Magreb, onde as revoltas alcançaram resultados mais significativos, se tornou capa dos principais jornais do mundo e fez com que o mundo se voltasse àquela região. As implicações dessas revoltas além dos países dessa região foram sentidos em todos os continentes. Na África Subsaariana, parte importante da vizinhança do mundo árabe, pode-se verificar tais implicações.

O cenário internacional no início de 2011 tem sido marcado pela emergência de protestos populares contra ditadores. O que há de novo nisso é a região em que se localizam: grande parte das revoltas está acontecendo em Estados árabes. As manifestações nos países do Norte da África e do Oriente Médio ocorreram em um efeito dominó, sendo as principais repercussões na Tunísia, com a queda de Zine Ben Ali, no Egito, com a queda de Hosni Mubarak, e na Líbia, onde têm ocorrido os protestos mais violentos pela repressão do líder Muammar Kadafi. Entretanto, seus efeitos têm sido sentidos em várias partes do globo, e na África são bastante observáveis.

Embora não se tenha muitos casos de manifestações semelhantes nos países da África Subsaariana, é possível apontar algumas iniciativas inspiradas ou relacionadas aos protestos recorrentes na região. A partir desses eventos, a atenção sobre a violência das respostas pró-governo tem ganhado repercussão em todo o mundo e tem despertado a repulsa de grupos civis que lutam pelo respeito aos direitos humanos. Além disso, a migração ocasionada pela fuga em massa daqueles, nativos ou não, amedrontados pela repressão e instabilidade local também é um efeito complicador para a gestão dos conflitos.

Para complicar ainda mais a situação, a entrada de combatentes mercenários contratado pelo governo líbio, por exemplo, como reforço para suas tropas na contenção das manifestações, gerou uma intensificação desmedida da violência. Isso ocasionou uma série de iniciativas internacionais de países como Estados Unidos, países da Europa Ocidental (notadamente, Itália, França, Alemanha e Reino Unido), América do Sul e da própria África com o intuito de frear os conflitos, controlar a instabilidade regional, e também punir os responsáveis pelo desrespeito aos direitos humanos nesses países.

Ainda com todos os desafios, é possível vislumbrar um ponto positivo que pode se desenvolver no longo prazo. Os civis se organizaram e conseguiram derrubar, até agora, dois regimes autoritários que perduravam há mais de três décadas e que contavam, em grande medida, com apoio dos países europeus e dos Estados Unidos.

Implicações na África: Manifestações na África Subsaariana

Desde o fim de 2010 até os dias de hoje, foram observadas, no continente africano, tentativas de manifestações no Camarões e no Zimbábue.

No Camarões, país produtor de petróleo situado no Golfo da Guiné, os protestos convocados pela internet tinham como objetivo em “meios pacíficos”, a deposição do Presidente Paul Barthélemy Biya'a Bi Mvondo, no cargo desde 1982. Segundo uma agência de notícias de origem africana¹ a mensagem distribuída pela internet ressaltava a idéia de uma “revolução popular pacífica”. A maior parte da opinião pública e da mídia do país classifica o atual chefe de Estado como um ditador, já que está no poder há quase trinta anos e é suspeito de fraudar as últimas eleições presidenciais no país, onde obteve aprovação de 75% dos votos (REUTERS²).

A mensagem de uma revolução pacífica parece não ter agradado o governo. A Brigada Especial de Biya foi bastante enfática quando nas ruas de Douala, a capital econômica do Camarões, usou jatos de água para dispersar os manifestantes, entre eles, o candidato de oposição ao governo, Kah Walla, que fez um sinal de vitória às forças do governo. Os manifestantes queixam-se também dos aumentos dos combustíveis e alimentos no país. Segundo organizações não-governamentais³, o número de mortos é maior que 100 e a violência das forças governamentais inclui o uso de jatos de água contra os manifestantes, agressão com coronhas dos rifles, prisão de manifestantes e uso de gás lacrimogêneo.

Desde o início dos protestos, o Presidente procurou demonstrar a sua legitimidade no poder. Em discurso na televisão pública do país, Paul Biya disse que "o objetivo [da oposição] é alcançar por meio da violência o que eles não conseguiram

obter por meio das urnas". Ainda em discurso, Biya classificou os manifestantes como "delinquentes motivados pela perspectiva de saques" e disse ainda que usaria de "todos os meios legais" para garantir o Estado de Direito⁴.

No Zimbábue, país situado na parte meridional do continente, o ditador Robert Mugabe, que já é conhecido da mídia internacional pelas disparidades causadas na economia do país, além de grandes tumultos sociais motivados pela grande repressão do governo contra manifestações. Agora, o atual chefe de Estado do Zimbábue adiciona um novo ponto a sua lista de repressões. Um grupo de pessoas que discutiam em uma “mesa redonda” as revoltas na Tunísia e no Egito foram presas suspeitas de traição. Traição é um dos crimes mais graves da legislação do pequeno país africano e pode levar à pena de morte.

Segundo o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Direitos Humanos, a repressão à iniciativa é uma demonstração da ausência de respeito à democracia e aos direitos civis. Essas detenções parecem ser parte de uma repressão crescente sobre a sociedade civil e membros da oposição. Tudo isso é um sinal claro de que o estabelecimento de uma democracia consolidada no Zimbábue está ainda muito longe de estar garantido.

Para a Alta Comissária, Navy Pillay, "Como muitas pessoas na África do Norte têm se destacado cada vez, indicando que não há verdadeira democracia sem liberdade de expressão e de reunião, é, portanto, profundamente irônico e preocupante que, no Zimbábue, os ativistas sejam presos e maltratados porque querem discutir com os norte-africanos"⁵.

¹ Afrol News, disponível em: <http://www.afrol.com/>

² Disponível em: <http://www.reuters.com/article/2008/04/10/idUSL10820878>

³ Disponível em: http://oglobo.globo.com/mundo/mat/2008/03/05/ativistas_em_camaroes_dizem_que_protestos_mataram_mais_de_100-426094392.asp

⁴ Manifestações foram observadas em toda costa do país e em cidades da parte anglófona do território camaronês, além da capital - Yaoundé.

⁵ Disponível em: <http://acritica.uol.com.br/noticias/ONU-Zimbabue-simpatizantes-Egito->

Promotores do Estado afirmam que o grupo de ativistas trabalhistas e sociais realizou a reunião para planejar uma revolta contra o presidente Robert Mugabe. O grupo afirma que o encontro era uma reunião acadêmica e nega qualquer delito.

Com impactos menores, mas também contagiado por essa onda de protestos ao nordeste do continente, o Sudão, com um amplo histórico de repressão, realizou mais uma vez contra-ataques contra manifestantes que apontam uma suposta fraude eleitoral no país. A importância do fato não se dá de modo isolado já que, no momento atual, forças repressoras pró-governo devem ser questionadas e avaliadas de forma mais aberta pela sociedade internacional.

Assim, “o momento que a África do Norte e o Oriente Médio vivem é um exemplo prático de um *spillover* [ou transbordamento] *social*. Onde as vontades de mudanças institucionais, a luta pela liberdade política e a real manifestação democrática estão sendo derramadas pela região.” (PRADO, 2011, s/p).

Migração: os refugiados e os mercenários

O fato de a imigração de líbios e outros povos rumo ao continente europeu, via Mar Mediterrâneo, encontrar-se em números crescentes já é conhecido há alguns anos. O que tem pouco espaço nas discussões sobre imigração é o impacto que pode ser causado pelos imigrantes líbios em territórios próximos, ou mesmo a volta para casa dos imigrantes do Níger, sudaneses, provenientes da região conhecida como “chifre” da África, e de outros países do continente.

A Líbia possui um considerável contingente de imigrantes ilegais, provenientes sobretudo de muitos dos países da África subsaariana. A existência desses imigrantes ilegais não alcança

grande espaço na mídia internacional graças à concorrência desses com a possibilidade de uma imigração maciça de africanos para o continente europeu, além dos milhares de refugiados que rumam aos seus países de origem – notadamente Tunísia e Egito, países fronteiriços ao território líbio.

Essa imigração foi causada pelo *boom* econômico gerado pela produção de petróleo, o que levou imigrantes da China ao Níger e à Líbia em busca de uma forma de ganhar dinheiro e conquistar melhores salários e por consequência, melhores condições de vida.

Outro aspecto a ser levado em conta são os mercenários. Os mercenários na Líbia são homens contratados pelo governo para servirem de apoiadores ao governo e irem contra os manifestantes. Segundo o embaixador líbio na Índia Ali al-Essawi, em entrevista à revista *Foreign Policy*, esses mercenários são africanos e falam francês e outras línguas. Na mesma entrevista, a Polícia de Benghazi, quartel-general das forças rebeldes, afirma que os mercenários contratados por Kadafi são “Negros, falam francês e foram identificados pelo uso de chapéus amarelos”. Para a maioria dos pesquisadores, os mercenários contratados por Kadafi para atacar a população são provenientes do Chade, Congo-Kinshasa, Níger, Mali, Sudão e até da Europa Oriental. Segundo a *Al Jazeera*, cartazes aclamando por mercenários em favor do regime de Kadafi também foram observados na Nigéria e na Guiné. Os cartazes ofereciam U\$2.000,00 aos que estariam em favor de Kadafi. Já a agência EFE relata a existência de mercenários provenientes da Costa do Marfim, Chade e Ilhas Maurício.

Segundo o jornal britânico *The Sunday Times*, o Zimbábue também é um dos provedores de mercenários para as forças de Kadafi. Robert Mugabe teria enviado ao “amigo” homens bastante treinados, como pilotos da força aérea e soldados que foram treinados na Coreia do Norte.

A fonte governamental finaliza dizendo que "Mugabe e ele [Kadafi] estão muito próximos. O Zimbábue é um país aonde poderia optar por ir" (EFE).

Governos corruptos e despóticos apóiam-se uns nos outros e acabam por fortalecer atividades repressivas em seus territórios, ações estas correntes em territórios africanos. O envolvimento regional torna-se crucial para a escalada das hostilidades na Líbia. Ainda assim, vários são os posicionamentos favoráveis à renúncia de Kadafi, assim como fora na Tunísia e no Egito.

Crimes contra humanidade: ação dos organismos internacionais

A mídia internacional tem noticiado a preocupação de muitas autoridades representantes de grandes Estados na resolução do conflito, como Estados Unidos, as potências europeias, e países sul-americanos, como o Brasil e Venezuela, numa tentativa de mediar a resolução do conflito sem uma intervenção internacional no país líbio.

Como o direito internacional não permite que um país interfira militarmente nos assuntos internos de outro, o que se tenta atualmente é legitimar ações punitivas (as chamadas *sanções*) àqueles governos que demonstrem perda do controle sobre seu território, possibilitando a queda da estabilidade internacional, como atualmente se verifica na Líbia.

Os outros países onde aconteceram os protestos com a mesma amplitude que na Líbia (Egito e Tunísia) não apresentaram a forma de repressão popular por meio de forças pró-governo como se faz hoje o caso das forças do Kadafi. O Conselho de Segurança das Nações Unidas (CSNU) se reuniu recentemente para discutir sanções aplicáveis ao presidente líbio com o intuito de interromper os ataques contra opositoristas e forçar a sua retirada do poder. Esta não é a primeira vez que um país africano passa por sanções vindas do

CSNU, que hoje conta com três países africanos como membros rotativos (África do Sul, Gabão e Nigéria).

Segundo a Folha de S. Paulo, três ações foram acordadas no âmbito da ONU. Em primeiro lugar, "a Assembleia Geral [...] suspendeu por unanimidade nesta terça-feira (01/03) a Líbia como país membro do Conselho de Direitos Humanos da entidade devido ao uso da violência pelo governo líbio na repressão aos protestos contra o governo".

Em segundo lugar, o CSNU determinou o embargo à venda de armas à Líbia, o congelamento dos bens do chefe de Estado, Muamar Kadafi, assim como o proíbe de deixar o país.

Por fim, o Tribunal Penal Internacional (TPI) foi solicitado pelo Conselho de Segurança para avaliar as ações de Muamar Kadafi sob suspeita de crimes contra humanidade devido às sucessivas repressões violentas aos protestos contra o governo que estão em curso desde fevereiro deste ano na Líbia. Para tanto, busca-se uma ação coordenada entre o TPI, a ONU, a União Africana e a Liga Árabe (Folha Online).

Além de Kadafi, outros representantes africanos compõem o banco dos réus no TPI. Atualmente, a Corte tem casos referentes a República Democrática do Congo, República Centro-africana, Uganda, à Darfur, no Sudão, sendo o principal acusado seu presidente, Omar al-Bashir.

Integração regional: A Atuação da União Africana

A União Africana (UA), organização de coordenação política que envolve quase todos os Estados soberanos situados no continente africano (exceto o Marrocos) é, segundo o ditador líbio Muamar Kadafi, uma das organizações que a Líbia está disposta a receber para uma comissão de verificação da situação do país. Não se podem afirmar quais são as pretensões do

chefe de Estado líbio com o envio da Comissão de Paz e Segurança da União Africana, o que se sabe apenas é que muitas são as propostas ao envio de uma comissão. O Presidente venezuelano Hugo Chávez intenta uma proposta junto a Liga Árabe de envio de uma comissão de paz liderado por este⁶. Muamar Kadafi demonstrou também apreço a uma comissão das Nações Unidas.

Em entrevista ao jornal francês, *Le Journal du dimanche*, o ditador líbio afirmou também que a França é bem-vinda como coordenadora dessa comissão.

Segundo comunicado oficial, a UA condena "a perda de vidas e a destruição" dos últimos dias na Líbia. A chefe do Conselho de Segurança e Paz da UA, Kakena Nangula, destacou a necessidade de respeitar a integridade territorial e a unidade da Líbia e indicou que, para obter informações, a UA decidiu "enviar urgentemente uma missão (à Líbia) para reunir dados concretos e falar com as partes".

Considerações finais

"O crescimento econômico da região e as crescentes manifestações em prol da democratização, fazem emergir um novo momento, uma nova onda na África, que por sua vez, serão construídas a partir de novas referências políticas e sociais que irão, num curto momento, influenciar positivamente seu processo de integração." (PRADO, 2011, s/p).

Embora seja um momento crítico, o posicionamento favorável de Kadafi em relação à UA e à Liga Árabe pode ser um indicador positivo para uma legitimação maior de instituições de nível regional, negando possibilidades de interferências dos Estados Unidos, da Europa ou de outros países. A onda de protestos que têm gerado a queda de ditadores há muito

tempo no poder no norte da África não necessariamente levará a democracia nestes países, mas tem gerado um efeito democratizante na participação política de seus nacionais e, principalmente, das relações internacionais no que tange à gestão de conflitos internacionais.

É possível observar que nas últimas duas décadas o continente africano vem caminhando para a integração no sistema internacional sem a ideia de submissão, como ocorrera desde o início de sua exploração no período colonial. Os desafios persistem; contudo, são conhecidas as tentativas pró-integração que tem guiado as ações em curso das nações comprometidas com o desenvolvimento e com princípios de liberdade. Entretanto, é imprudente dizer que tais mudanças apontam para resultados satisfatórios na integração do continente.

Referências

AFRICAN Union Official Website.

Disponível em: <http://www.au.int/en/>

Assembleia da ONU suspende Líbia do Conselho de Direitos Humanos.

Folha.com. 1 de mar. 2011. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/mundo/882899-assembleia-da-onu-suspende-libia-do-conselho-de-direitos-humanos.shtml>

Ativistas em Camarões dizem que protestos mataram mais de 100. **Estadão.** 5 de mar. 2008. Disponível em: <http://www.estadao.com.br/noticias/internacional,ativistas-em-camaroes-dizem-que-protestos-mataram-mais-de-100,135342,0.htm>

Cameroon plans "Egypt-like" protests.

Afrol New. Fev, 22. 2011. Disponível em: <http://www.afrol.com/articles/37405>

CORTE Internacional de Justiça.

⁶ A Venezuela, junto ao Brasil, Eritréia e a Índia são membros observadores da Liga Árabe.

Disponível em: <http://www.icc-cpi.int/Menu/ICC/Situations+and+Case/s/Cases/>

Entidade diz que mais de 30 mil fugiram das revoltas na Líbia. **Folha.com**. 24 de fev. 2011. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/mundo/880501-entidade-diz-que-mais-de-30-mil-fugiram-das-revoltas-na-libia.shtml>

GIRALDI, Renata. ONU condena governo do Zimbábue por prender simpatizantes de revoltas no Egito e na Tunísia. **Agência Brasil**. 1 de mar. 2011. Disponível em: http://agenciabrasil.ebc.com.br/home?p_p_id=56&p_p_lifecycle=0&p_p_state=maximized&p_p_mode=view&p_p_col_id=column-2&p_p_col_pos=2&p_p_col_count=3&_56_groupId=19523&_56_articleId=3200806

Kadafi diz que aceita comissão da União Africana para verificar situação no país. **Diário de Pernambuco**. 3 de mar. 2011. Disponível em: <http://www.diariodepernambuco.com.br/mundo/nota.asp?materia=20110303143136>

KEATING, Joshua E. How Do You Hire Mercenaries? **Foreign Policy**, Fev. 23. 2011. Disponível em: http://www.foreignpolicy.com/articles/2011/02/23/how_do_you_hire_mercenaries

Khadafi quer comissão da ONU ou União Africana na Líbia. **DN Globo**. 6 de mar. 2011. Disponível em: http://www.dn.pt/inicio/globo/interior.aspx?content_id=1799779&seccao=%C1frica

Milhares de trabalhadores africanos tentam fugir da Líbia. **Folha.com**. 25 de fev. 2011. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/bbc/881070-milhares-de-trabalhadores-africanos-tentam-fugir-da-libia.shtml>

PRADO, Henrique Sartori de Almeida. O “spillover social” africano e o seu processo de integração regional. **Mundorama**. 1 de mar. 2011. Disponível em: <http://mundorama.net/2011/03/01/o-%E2%80%9Cspillover-social%E2%80%9D-africano-e-o-seu-processo-de-integracao-regional-por-henrique-sartori-de-almeida-prado/#more-7356>

Protestos param principais cidades de Camarões. **Estadão**. 27 de fev. 2008. Disponível em: <http://www.estadao.com.br/noticias/internacional,protestos-param-principais-cidades-de-camaroes,131687,0.htm>

Sudão reprime protestos contra eleições. **Folha.com**. 27 de fev. 2011. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/mundo/881839-sudao-reprime-protestos-contraeleicoes.shtml>

Supostos opositores são torturados no Zimbábue. **Estadão**. 24 de fev. 2011. Disponível em: <http://www.estadao.com.br/noticias/internacional,supostos-opositores-sao-torturados-no-zimbabue,684066,0.htm>

TPI julga crimes contra a humanidade e de guerra. **Folha.com**. 03 de mar. 2011. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/mundo/883779-tpi-julga-crimes-contraa-humanidade-e-de-guerra-saiba-mais.shtml>

Tribunal Internacional anuncia investigação de crimes na Líbia. **BBC Brasil**. 2 de março, 2011. Disponível em: http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2011/03/110302_libia_investiga_fn.shtml

União Africana vai mandar missão de observação para a Líbia. **Jornal do Brasil**. 23 de fev. 2011. Disponível em: <http://www.jb.com.br/internacional/noticias/2011/02/23/uniao-africana-vai-mandar-missao-de-observacao-para-a>

libia/

Violence deters Zimbabwe activists. **Al Jazeera**. 1 de mar. 2011. Disponível em:
<http://english.aljazeera.net/video/asia/2011/03/20113151258342215.html>

Palavras chave: África, protestos, integração, região, imigrantes, violência

As diferentes reações na América sobre os protestos no mundo islâmico

Análise
América
Clarice Moreira de Morais
Marcela Linhares
Rúbia Rodrigues
14 de Março de 2011

Os protestos no mundo islâmico ganham destaque na mídia internacional e geram diferentes posicionamentos dos países nas diversas regiões do mundo. Essas disparidades devem ser avaliadas de acordo com os princípios da política externa e o papel político do país na conjuntura internacional. No caso do continente americano, os posicionamentos dos Estados Unidos, Brasil e Venezuela podem ser contrastados.

É esperado que mudanças correntes na região do mundo mais abundante em petróleo e considerado um pólo de formação de terroristas causem reações em outras regiões do planeta. Os protestos no mundo islâmico geraram ecos distintos nos países a depender de sua matriz de posicionamento externo. No continente americano, posições como a dos Estados Unidos, do Brasil e da Venezuela se mostraram diferenciadas e muitas vezes antagônicas.

Os Estados Unidos, maior potência econômico-militar e reconhecido internacionalmente por promover os ideais democráticos pede, de forma genérica, a saída do poder dos governantes ditatoriais, ainda que fossem seus aliados anteriormente – principalmente na Guerra ao Terror¹ – e reforça suas sanções.

Por sua vez, o Brasil reafirma os princípios de sua política externa, enfaticamente condizente com o seu acumulado histórico como a solução pacífica de controvérsias, a autodeterminação dos povos e a defesa

dos direitos humanos.

Por outro lado, a Venezuela pratica a defesa do poder pelos ditadores, como no caso de Muamar Kadafi da Líbia, e enfatiza as ideias de que as ações estadunidenses fazem parte de uma política intensamente imperialista de interesse aos recursos naturais líbios. Sua posição com relação aos aumentos do preço do petróleo é diferenciada contrastando-se aos países altamente dependentes de sua importação, já que, possuindo em seu território grandes quantidades de reserva da matriz energética os impactos são gerados na esfera das exportações.

Estados Unidos

A reação de Barack Obama aos protestos do Egito e Tunísia foi priorizada pela condenação do uso da força contra os manifestantes. Segundo a Revista Foreign Policy², era difícil para o Vice-Presidente dos Estados Unidos, Joseph Biden, referir-se ao presidente do Egito, Hosni Mubarak, como um ditador, mesmo estando no poder há 30 anos, já que o país é um grande aliado de Israel e dos Estados Unidos na balança de poder do Oriente Médio. Com a queda do regime, os

¹ “Guerra ao Terror” é a expressão utilizada para referenciar a política de combate ao terrorismo após os ataques de 11 de setembro de 2001. Declarada a iniciativa pelo então presidente George W. Bush, a Guerra ao Terror se tornou uma estratégia global.

² Edição Especial: Revolution in the Arab World. 2011.

Estados Unidos enviaram representantes ao Oriente Médio para tentar garantir a transição pacífica de governo no país e dar apoio a Israel, preocupado com a instabilidade política do seu maior aliado na região.

Sobre a Líbia, as grandes preocupações, além da recusa de Muamar Kadafi em sair do poder e o consequente uso brutal da força contra os manifestantes, podem ser sintetizadas em petróleo e terrorismo.

Com as ameaças de Kadafi de interromper completamente a extração petrolífera, as cotações da *commodity* chegaram a 120 dólares no mercado londrino³. Mesmo com a exportação líbia de dois pontos percentuais no mercado mundial, o grande efeito indesejado é que a extensão das manifestações e da instabilidade política chegue a países como a Arábia Saudita que detém a maior reserva do mundo ocasionando em maiores impactos no mercado econômico. Para o consultor Tancred Lidderdale, do Departamento de Energia dos Estados Unidos, “no momento, a única palavra que pode ser usada para descrever o mercado mundial de petróleo é incerteza”, afirmou à Edição Especial Oriente Médio da Revista Veja⁴. Assim, é importante ressaltar que a reação à alta abrupta nos barris de petróleo é altamente intensa nos Estados Unidos, em que “o aumento da gasolina e dos derivados mina o poder de compra das famílias, derrubando a economia”⁵.

A mudança do *status quo*, além de modificar a relação entre os países da região devido à imprevisibilidade de quem irá ocupar o vácuo de poder, também acrescentam a preocupação internacional, no caso da Líbia, acerca da existência de inúmeros jihadistas⁶

dormentes no leste do país. Caso haja o ocaso de Kadafi, algumas tribos do país (cerca de 140) irão perder alguns privilégios do governo ao mesmo tempo em que abrirá margem para a ocupação do poder por grupos fundamentalistas islâmicos. Para Diogo Schelp⁷, “uma das inúmeras contradições políticas do Oriente Médio [é formada pelo fato de que] a revolução que começou em solidariedade a um militante dos direitos humanos é a mesma revolução que se alimenta do apoio a terroristas islâmicos”⁸. Sobre isso, os Estados Unidos têm muito que preocupar já que se deve levar em consideração o fato de que nos países onde ocorrem os protestos há territórios dominados por grupo terroristas e fundamentalistas religiosos que ameaçam a estabilidade do ocidente com suas incursões de ataques à soberania através da prática do terrorismo.

Brasil

A posição oficial adotada pelo governo brasileiro por meio do Ministério das Relações Exteriores (MRE) vem sendo apresentada de forma ainda não muito clara. Em nota⁹ divulgada no último dia 28, o Itamaraty justificou seu voto favorável à resolução 1970 do Conselho de Segurança das Nações Unidas¹⁰ (CSNU), que previa sanções à Líbia, além de

terrorista pelos Estados Unidos.

⁷ Veja: Edição 2206, ano 44, nº 9, 2 de março de 2011

⁸ Veja: Edição 2206, ano 44, nº 9, 2 de março de 2011

⁹ Disponível em:

<<http://www.itamaraty.gov.br/sala-de-imprensa/notas-a-imprensa/explicacao-de-voto-do-brasil-na-sessao-especial-do-conselho-de-seguranca-sobre-a-situacao-na-libia-2013-nova-york-26-de-fevereiro-de-2011>>

¹⁰ No sábado, 26 de fevereiro, o Conselho de Segurança se reuniu em sessão especial para discutir se seriam importas sanções à Líbia. Desse encontro resultou a resolução 1970, aprovada por unanimidade. O documento estabelece que sejam aplicadas sanções à Líbia e encaminha o caso ao Tribunal Penal Internacional para a abertura de inquérito em relação às ações do regime de Muammar Kadafi.

³ De acordo com Krugman (2011), “o petróleo é uma commodity extremamente inelástica a curto prazo, o que significa que qualquer diminuição da oferta provoca um grande aumento dos preços”

⁴ Veja: Edição 2206, ano 44, nº 9, 2 de março de 2011

⁵ Veja: Edição 2206, ano 44, nº 9, 2 de março de 2011

⁶ A Jihad Islâmica é considerada como um grupo

indiciar seu líder ao Tribunal Penal Internacional. A representante permanente do Brasil no CSNU, embaixadora Maria Luiza Ribeiro Viotti, afirmou que as medidas adotadas pela resolução 1970 têm por objetivo deter a violência, proteger a população civil e garantir o respeito ao direito internacional na Líbia.

Em relação à retirada dos brasileiros do país, a operação foi iniciada no dia 24 de fevereiro. A grande maioria dos brasileiros residentes na Líbia era de funcionários das empresas Odebrecht, Petrobrás, Queiroz Galvão e Andrade Gutierrez. Ainda segundo o MRE, há um movimento solidário entre os países que possuem nacionais na Líbia para mútuo auxílio na retirada de seus cidadãos. O Brasil, por exemplo, vem auxiliando no embarque de nacionais de Portugal, Espanha, Tunísia, Ucrânia, Chile, Vietnã, Tailândia e outros países. De sua parte, recebeu ofertas da Turquia e de outros governos.

Antigos parceiros

Além das empresas brasileiras que prestam serviços no país africano, são de longa data as relações entre o governo brasileiro e o regime de Muamar Kadafi. No ano de 2001, ainda sob a gestão do Presidente Fernando Henrique Cardoso, o comércio entre os dois países era de US\$ 30 milhões por ano e pretendia-se, ainda naquele ano, aumentar para US\$ 2 bilhões. Em 2003, o então Presidente Luís Inácio Lula da Silva visitou o país logo no início de seu mandato. Logo em seguida, o governo de Lula esteve ao lado da Líbia em votações polêmicas nas Nações Unidas. Em uma delas, os dois países apoiaram uma extinta resolução da Comissão de Direitos Humanos que determinava a expulsão da ONG “Repórteres Sem Fronteiras” de participação no órgão. A proposta partiu do governo de Kadafi, logo após protestos realizados pela ONG contra a presença da Líbia na presidência do órgão de direitos

humanos. Alguns anos depois, em outra visita ao país africano, o Presidente Lula chamou o ditador Muamar Kadafi de “líder e irmão”.

Futuro das relações Brasil-Líbia

Atualmente, o governo de Dilma Rousseff vem demonstrando uma diferenciação das posições tomadas por seu antecessor. Uma das principais é a demonstração de menor tolerância em relação a países com histórico de desrespeito aos direitos humanos.

Em recente discurso à população de seu país e também chefes de corpos diplomáticos ainda presentes na capital, além de jornalistas estrangeiros, Kadafi falou da pretensão de substituir empresas e bancos estrangeiros que atuam no país por outros de Brasil, China e Rússia. Ademais, o ditador líbio propôs a criação de uma comissão *ad hoc* para examinar a situação do país. Ele citou especificamente o Brasil, União Africana e a Organização da Conferência Islâmica para fazerem parte dessa comissão. Segundo o embaixador brasileiro em Trípoli, George Ney de Souza Fernandes, a presença brasileira é muito forte e respeitada na Líbia, devido não apenas à grande presença das empresas brasileiras no país africano, mas pela atual projeção do país no cenário internacional. O Itamaraty informou não ter detalhes sobre a proposta de Kadafi e aguarda um comunicado oficial da embaixada em Trípoli para se pronunciar.

O presidente do Chile, Sebastian Piñera, ao reconhecer o Brasil como potência, disse que a diplomacia brasileira deve representar a voz da América Latina “neste mundo novo que está emergindo”¹¹. E, ainda, criticou o posicionamento da Venezuela discrepante e não representativo dos demais países do

¹¹ Folha Online 06 de Março. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/mundo/885166-pinera-reconhece-brasil-como-potencia-e-critica-venezuela.shtml>

continente.

Venezuela

Controversamente às reações demonstradas pela maioria dos países com relação às crises no Oriente Médio e no mundo árabe como um todo, um país na América destaca-se por apoiar estes movimentos. O Estado em questão é a Venezuela, que já chegou a declarar apoio ao líder líbio Muamar Kadafi.¹² A situação envolvendo os protestos no mundo árabe não só traz condenações às ditaduras ou suporte à população civil vindo de alguns países. A problemática envolvendo a região, fornecedora da maior parte do petróleo para o mundo – ali se localiza a maior parte dos membros da OPEP¹³ –, já está causando um grande aumento no preço do recurso, tendo sua maior alta em dois anos e meio. As dificuldades políticas da região árabe contribuem diretamente para o aumento, além de dificultarem o fornecimento do bem. Neste contexto, a Venezuela aparece como país que será influenciado pelo aumento de preço (90% do dinheiro proveniente de exportação no país é da venda de petróleo) e não enfrenta os mesmos desafios quanto à mobilidade de recursos.

Hugo Chávez, além de ressaltar sua amizade com Kadafi, condena a atitude dos Estados Unidos de promover movimentações militares próximas à fronteira da Líbia, recomendando o envio de uma “comissão de boa vontade” para auxiliar o povo¹⁴. O presidente

¹² Reuters. 2011. Disponível em:

<http://br.reuters.com/article/worldNews/idBRSPE72K47R20110226>

¹³ Atualmente, são membros da OPEP Angola, Arábia Saudita, Argélia, Emirados Árabes Unidos, Equador, Irã, Iraque, Kuwait, Líbia, Nigéria, Qatar e Venezuela.

¹⁴ Folha Online. 2011. Disponível em:

<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/88313-9-chavez-se-beneficia-de-instabilidade-libia.shtml>

venezuelano aproveita o momento para criticar a posição dos países europeus e dos EUA, que sempre apoiavam a Líbia com interesse no petróleo, e agora a condenam, sendo que não houve mudanças no governo. Contrariando o que se vê na mídia internacional, Chávez também diz acreditar que os Estados Unidos estejam distorcendo a situação, e não irá condenar o amigo Kadafi sem saber pessoalmente o que está acontecendo no país do norte africano.

Ao mesmo tempo, Chávez afirma estar certo “que muitos governos estarão de acordo em buscar uma fórmula política, ao invés de mandar navios e aviões” ao acusar os Estados Unidos e a Europa de estarem “enlouquecidos”, expressão utilizada por ele, pelo petróleo líbio.¹⁵

Considerações Finais

As manifestações, além de reivindicar reformas econômicas na Tunísia, Líbia e Egito, desejam o fim de longos regimes ditatoriais. As pressões para reforma política influenciam diretamente na segurança internacional e ocasionam nos posicionamento dos países para a garantia da paz entre as nações.

Os Estados Unidos, como maior potência mundial, além de mobilizar suas forças armadas para garantir a ordem internacional, teve de reconsiderar sua política externa de apoio a ditadores no Oriente Médio. Sofrendo atuais dificuldades econômicas diversas, deve também se preocupar com as influências desses protestos no mercado econômico do petróleo.

O Brasil e a Venezuela, por sua vez, apresentam posições distintas na América do Sul. O primeiro, mais próximo dos posicionamentos de outros países da região como o Chile e a Argentina, reforça

¹⁵ El Clarín, 03 de Março de 2011, tradução nossa. Disponível em:

http://www.clarin.com/mundo/Venezuela-Libia-Liga-Arabe-Chavez_0_437356477.html

a garantia dos direitos humanos dos manifestantes. Enquanto isso, Hugo Chávez aproveita a oportunidade para enfatizar sua política externa contrária aos ideais estadunidenses e declarar apoio ao líder Muamar Kadafi. Assim, as reações distintas demonstram os diferentes papéis políticos que os países representam no mundo.

De certa forma, as ações dos países irão ser refletidas em diversos fóruns multilaterais e, principalmente, serão majoritariamente a favor dos ideais democráticos e dos direitos humanos.

A liberdade de imprensa e de expressão, as eleições livres e confiáveis e a rotatividade do poder se mostram como os principais desafios a serem enfrentados pelo mundo árabe.

No caso da Líbia, especificamente, essas preocupações são pouco condizentes com a perpetuação de Muamar Kadafi no poder dado a intensa repressão do ditador aos protestos da oposição. A pressão internacional para sua saída, assim como as intensas sanções sofridas causam restrições cada vez mais difíceis de serem sustentadas pelo país. De certa forma, muitos passos ainda devem ser tomados para a construção de estruturas democráticas confiáveis.

Referência

Blog Paul Krugman

<http://blogs.estadao.com.br/paul-krugman/>

Diário do Comércio

<http://www.dcomercio.com.br/materia.aspx?id=63661&canal=9>

El Clarín

http://www.clarin.com/mundo/Luis_Moreno_Ocampo-Libia_0_437356517.html

Estado de S. Paulo

http://www.estadao.com.br/estadaodehoje/20110304/not_imp687508,0.php

Folha Online

<http://www.folhaonline.com.br>

<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/883139-chavez-se-beneficia-de-instabilidade-libia.shtml>

<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/882547-chavez-nao-condena-gaddafi-e-alerta-para-intervencao-dos-eua.shtml>

Foreign Policy

Especial Report: Revolution in the Arab World: Tunisia, Egypt and the unmaking of an era. 2011. E-book.

Jornal do Comércio:

<http://jcrs.uol.com.br/site/noticia.php?codn=56051>

Ministério das Relações Exteriores:

<http://www.itamaraty.gov.br/sala-de-imprensa/notas-a-imprensa/operacao-de-evacuacao-de-cidadaos-brasileiros-da-libia>

<http://www.itamaraty.gov.br/sala-de-imprensa/notas-a-imprensa/explicacao-de-voto-do-brasil-na-sessao-especial-do-conselho-de-seguranca-sobre-a-situacao-na-libia-2013-nova-york-26-de-fevereiro-de-2011>

Reuters

<http://br.reuters.com/article/worldNews/idBRSPE72K47R20110226>

Palavras-Chave: Brasil, Democracia, Direitos Humanos, Egito, Estados Unidos, Líbia, Oriente Médio, Revoltas, Tunísia

Ecoss na Ásia: reflexos das revoltas árabes e a possibilidade de um “efeito dominó”

Análise

Ásia

Rafael Bittencourt

14 de Março de 2011

Os movimentos contra governos totalitários na Tunísia, Egito, dentre outros no mundo árabe, motivam grupos de oposição de vários países a buscarem uma mudança. Na Ásia, países como China e Irã já sentem ecos desta onda. Mas revoluções populares não são novidades no continente, que servem como exemplo para os árabes deste início de década.

Em vários países, reflexos dos recentes acontecimentos do mundo islâmico estão sendo sentidos¹. E governos de alguns países asiáticos, como China, Irã e Coreia do Norte, começam a temer que o “efeito dominó” chegue a seus Estados².

Revoltas populares como estas não são novidades na Ásia. Joshua Kurlantzick, em um recente artigo³, escreve que as cenas encontradas nos últimos dias em países como Egito, Líbia e Tunísia, ocorriam também de modo muito parecido durante a Guerra Fria. Há vinte e cinco anos, nas Filipinas, quando o movimento “*People Power*” (poder do povo) provocou a saída do ditador Ferdinand Marcos, aliado dos Estados Unidos na época⁴. O maior receio dos Estados Unidos era que este fato provocasse um “efeito dominó”, no qual vários aliados dos americanos na Ásia, como Japão e Coreia do Sul, caíssem para

dar lugar a governos comunistas. De forma semelhante, o governo estadunidense hoje teme que grupos insurgentes islâmicos tomem o poder, como o caso da Irmandade Muçulmana no Egito.

Hoje, as Filipinas são uma democracia enfraquecida pela corrupção e pela governança pobre, ou seja, a revolta não provocou um resultado tão positivo como se poderia esperar.

Além das Filipinas, outros países asiáticos viveram nos anos 1980 e 1990 transições democráticas, muitas destas com grandes movimentos populares contra os ditadores. Nesta lista de países, encontram-se a Coreia do Sul, a Indonésia, a Mongólia, a Malásia, o Camboja e a Tailândia.

Ainda segundo Kurlantzick, os resultados destes movimentos foram vários. A Tailândia não é uma verdadeira democracia, a Malásia vive um autoritarismo brando, a Indonésia tem dificuldades para caminhar em direção à democracia e a Coreia do Sul é uma democracia consolidada.

China: repressão e posicionamento em relação à Líbia

Na China ocorreram movimentos contra o governo que foram fortemente reprimidos. No dia 20 de fevereiro,

¹ Mais informações em

<http://english.aljazeera.net/indepth/spotlight/2011/02/2011222121213770475.html>

² Para evitar repetições de assuntos abordados em outros artigos desta edição especial, serão considerados aqui os países não-árabes da Ásia.

³ Fonte: <http://www.cfr.org/middle-east/lessons-mideast-asias-revolutions/p24246>

⁴ O movimento *People Power* foi uma revolução não-violenta ocorrida em fevereiro de 1986 nas Filipinas, em protesto contra o governo de Ferdinand Marcos.

vários ativistas de direitos humanos foram detidos após convocarem, por mensagens virtuais anônimas, a população para protestos simultâneos em treze cidades, inspirados pela Revolução do Jasmim, ocorrida na Tunísia⁵. Entretanto, somente Pequim e Xangai tiveram manifestações e mesmo nestas cidades o comparecimento foi baixo, havendo mais curiosos, jornalistas e policiais do que manifestantes no local.

O governo chinês, para impedir que as notícias cheguem ao povo, bloqueou na internet qualquer conteúdo com a palavra “jasmim”.

Na semana seguinte, novamente ocorreram protestos pacíficos no país. Outro confronto ocorreu desta vez com vários policiais usando apitos e caminhões de limpeza nas ruas jogando água e atrapalhando a manifestação. Além disto, autoridades convocavam a imprensa para manter os jornalistas afastados das manifestações⁶. Tudo isto enfatiza o grande receio que o governo vive pela possibilidade de surgir uma revolta de maiores proporções.

O sociólogo Manuel Castells, em entrevista publicada no dia 2 de março⁷, disse que não acredita que haja condições na China. Segundo ele, isto se dá porque 72% do chineses apoiam seu governo. A classe média urbana, sobretudo os jovens, estão muito ocupados enriquecendo-se. Os verdadeiros problemas do campesinato e operários – ou seja, os verdadeiros problemas sociais da China

– se encontram muito longe. O governo se resguarda demais, porque a censura antagoniza muita gente que não está realmente contra o regime. Ainda segundo Castells, na China atualmente a democracia não é um problema para a maioria das pessoas, diferente do que ocorria na Tunísia e no Egito.

Outro fator importante que dificulta a possibilidade de manifestações maiores na China é o crescimento econômico. Diferentemente de Egito e Tunísia, a China vem crescendo muito em termos econômicos. Especula-se que o país crescerá 9,6% em 2011⁸.

Em 26 de fevereiro, o Conselho de Segurança da ONU adotou a resolução 1970⁹, na qual são impostas sanções contra o regime de Muamar Kadafi¹⁰. A China, apesar de uma resistência inicial, votou a favor. Dias depois a China apoiou a exclusão da Líbia como membro do Conselho de Direitos Humanos da ONU. Estas aprovações, porém, parecem incoerentes ao se pensar que, domesticamente, o governo chinês toma atitudes semelhantes às do governo líbio, como por exemplo a repressão violenta de manifestos democráticos. Ainda assim, faz sentido a aprovação, como demonstração à comunidade internacional de boa vontade e como oportunidade para diminuir a possibilidade de movimentos semelhantes dentro do país.

Manifestações no Irã

⁵ Fonte:

http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2011/02/110220_china_ativistas_presos_rw.shtml

⁶ Fonte:

<http://www.estadao.com.br/noticias/internacional,policia-da-china-usa-apito-e-agua-contra-protestos,685218,0.htm>

⁷ Fonte:

http://catedramultilinguisme.uoc.edu/portal/catala/sala-de-premsa/actualitat/entrevistes/2011/manuel_castells.html

⁸ Fonte:

http://www.dn.pt/Inicio/interior.aspx?content_id=1613450

⁹ A resolução pode ser encontrada no link:

<http://www.icc-cpi.int/NR/rdonlyres/2B57BBA2-07D9-4C35-B45E-EED275080E87/0/N1124558.pdf>

¹⁰ A grafia aqui usada para o nome do presidente líbio é a mesma usada pelo Ministério das Relações Exteriores do Brasil.

O país persa, governado por Mahmoud Ahmadinejad, possui um sistema político que combina elementos de democracia com teocracia islâmica, surgido da revolução iraniana de 1979. Deste modo, os movimentos que lá ocorreram não pediam pelo fim de uma ditadura, mas eram sim manifestações antigoverno.

O governo do Irã nos últimos tempos vem intensificando a repressão contra os opositores, de modo que a primeira manifestação ocorrida no país como consequência das manifestações árabes, no dia 18 de fevereiro, foi organizada pelo próprio governo, mas em repúdio à oposição do país. Somente alguns dias depois os grupos opositores fizeram seu primeiro protesto¹¹. Várias pessoas foram presas e pelo menos duas morreram.

Dias depois das manifestações, um site ligado à oposição afirmou que Mir Hussein Mousavi e Mehdi Karroubi, líderes opositores, foram presos em Teerã, capital do país. O governo, entretanto, nega tais prisões¹².

Vale lembrar que a Revolução Iraniana derrubou o Xá Reza Pahlevi, líder de uma monarquia pró-ocidente e criou uma teocracia islâmica anti-americana liderada pelo Aiatolá Khomeini (FALK, 2003). Isto ajuda a entender porque o fato de ditadores caírem no Egito e na Tunísia não significa, necessariamente, democratização do país, dado que, além de serem momentos diversos de sociedade e países diferentes, uma futura eleição pode levar a um governo anti-democrático, como por exemplo uma teocracia islâmica liderada pela Irmandade Muçulmana no Egito. Poderá, ainda, ocorrer dificuldades relacionadas à aceitação do resultado das eleições devido

¹¹ Fonte:

http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2011/02/110218_protestos_países_ji.shtml

¹² Fonte:

http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2011/02/110228_iran_oposicao_rc.shtml

a acusações de fraude e corrupção, dificultando a tentativa de se alcançar a democracia no país.

O Irã possui um interesse geopolítico particular nas revoltas populares de 2011. Mudanças nos moldes da revolução de 1979 são apoiadas pelo presidente Ahmadinejad e isso pode levar ao fortalecimento do papel do Irã na disputa de poder regional com a Arábia Saudita.

Outros países

Um país que não deve ter grandes movimentos é Mianmar. Governado por uma junta militar, o país ameaçou recentemente a opositora Aung San Suu Kyi e seu partido caso continuem apoiando as sanções que os países ocidentais fazem contra o regime¹³. A condição que a oposição pede para deixar o apoio é a libertação de todos os presos políticos.

No Vietnã, democracia socialista de partido único, a censura é forte o suficiente para impedir qualquer notícia sobre fatos contra o governo dentro do país. Entretanto, o Partido da Reforma do Vietnã¹⁴ incentiva a desobediência civil pelo Facebook, em uma tentativa de atingir seus ideais por meios semelhantes aos egípcios e tunisianos¹⁵.

Na Índia, maior democracia do mundo, o opositor Bharatiya Janarta pediu a renúncia do presidente Manmohan Singh, pressionado por denúncias de corrupção¹⁶. Neste contexto, bem diferente

¹³ Fonte:

<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/875196-junta-militar-birmanesa-ameaca-lider-opositora-suu-kyi.shtml>

¹⁴ Este partido não atua dentro do Vietnã, mas tem endereços nos Estados Unidos, Japão, França e Austrália.

¹⁵ Fonte:

<http://www.viettan.org/spip.php?article10862>

¹⁶ Fonte:

<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/884297>

da situação encontrada no Magreb, há a expectativa de uma onda de revolta popular contra o presidente.

É difícil afirmar se países da ex-União Soviética como Tadjiquistão, Uzbequistão, Turcominstão e até mesmo a Rússia podem vir a ter movimentações contra seus respectivos governos. Se ocorrerem, tais fatos podem aumentar as incertezas acerca do fornecimento de petróleo no mundo, que já sofreu impactos com as revoltas árabes, provocando alta no preço do barril de petróleo nos últimos dias de fevereiro.

Na Rússia, em particular, o discurso tomado é próximo ao usado por Muamar Kadafi na Líbia: culpar de maneira generalizada os “outros” pelas manifestações¹⁷. Estes “outros” podem ser entendidos como os países do Ocidente ou como, para Kadafi, Al Qaeda. No caso de Medvedev, presidente russo, a frase dita, segundo a revista eletrônica *Foreign Policy*, foi a seguinte: “Eles prepararam um cenário parecido para nós antes e agora, mais do que nunca, eles vão tentar realizá-lo.”¹⁸

Segundo Miriam Elder, é uma questão de conveniência para a Rússia argumentar que “eles” que orquestram as revoluções no Egito e na Líbia são os mesmos “eles” que estão nas raízes dos problemas da Rússia, especialmente na região do Cáucaso. Deste modo, é possível concluir que o governo russo vê múltiplas ameaças, coordenadas pelo mesmo grupo, em diversos países.

Na península da Coreia, um antigo conflito ganha outro capítulo com os protestos por democracia. As forças

armadas sul-coreanas que se encontram em Rimjin Pavillion¹⁹ estão divulgando através de folhetos os acontecimentos no Egito e na Líbia, em uma tentativa de levar a população norte-coreana a uma busca por mudanças. A Coreia do Norte ameaçou atacar o sul se a campanha continuar²⁰.

Considerações finais

É um grande desafio traçar um padrão de países suscetíveis a passar por este tipo de revolta. Entretanto, Natan Sharansky, em seu livro “*The Case for Democracy: The Power of Freedom to Overcome Tyranny and Terror*” (2004), escreve algo que pode ajudar a pensar um modelo²¹. Uma das ideias chave do autor é que autocracias ao redor do mundo cairão quando as pessoas não tiverem mais medo de exigir liberdade, o que o autor define como o direito de defender abertamente reformas democráticas na “praça pública”. Isto levará, segundo ele, à criação de instituições que refletem a vontade popular e culmina, na melhor das hipóteses, em eleições que são expressão verdadeira da escolha política.

Se isto se concretizar, o efeito dominó iniciado no Oriente Médio se espalhará na Ásia somente nos países em que a população perder o medo de clamar por liberdade. Os ecos das revoltas árabes que chegam à Ásia principalmente através da internet são limitados pela censura e, portanto, quedas de regimes provocadas

-suprema-corte-derruba-oficial-anticorruptao-do-governo-indiano.shtml

¹⁷ Fonte:

http://www.foreignpolicy.com/articles/2011/03/02/russian_revolution_no_thanks

¹⁸ Original: “They have prepared such a scenario for us before, and now more than ever they will try and realize it.”

¹⁹ Rimjin Pavillion é uma área na Coreia do Sul perto da Zona Desmilitarizada que separa as duas Coreias.

²⁰ Fonte:

<http://br.reuters.com/article/worldNews/idBRSP72K4HL20110227?sp=true>

²¹ Fonte:

<http://www.theatlantic.com/international/archive/2011/03/a-surprising-guide-to-democracy-in-the-middle-east/71872/>

pelo povo só ocorrerão após uma grande conscientização da capacidade de buscar algo diferente. É importante considerar, porém, que questões culturais e econômicas, além da questão do acesso à informação, podem alterar o comportamento popular. Neste sentido, pode ser pensado o caso chinês. O governo está atuando fortemente contra qualquer possibilidade de rebelião, monitorando ativamente redes sociais como Twitter e o Facebook e reagindo de modo intenso contra qualquer possibilidade de manifestação, haja visto os casos ocorridos no qual haviam mais policiais do que manifestantes. Entretanto, ao contrário dos árabes, a população chinesa vive um momento econômico muito próspero, de um crescimento forte e contínuo há anos, que diminui o sentimento de revolta. Por fim, segundo Marije Vlaskamp²², a história chinesa é repleta de rebeliões, mas poucas foram as revoluções, dado que no pensamento chinês, revolução significa caos, portanto, problemas e retrocesso.

Referências

FALK, Richard. A Worldwide Religious Resurgence in an Era of Globalization and Apocalyptic Terrorism. In: PETITO, F.; HATZOPOULOS, P. **Religion In International Relations - The Return from Exile**. New York: Palgrave Macmillan, 2003. Cap. 6, p. 182.

Sites:

Al Jazeera

<http://english.aljazeera.net>

BBC Brasil

²² Fonte:

<http://www.rnw.nl/portugues/article/china-pensa-em-prosperidade-nao-em-revolucao>

<http://www.bbc.co.uk/portuguese>

Council of Foreign Relations

<http://www.cfr.org>

Diário de Notícias

<http://www.dn.pt>

Direto da Redação

<http://www.diretodaredacao.com>

Ecopolítica

<http://www.ecopolitica.com.br>

Estadão

<http://www.estadao.com.br>

Folha de São Paulo

<http://www.folha.uol.com.br>

Foreign Policy

<http://www.foreignpolicy.com>

Radio Nederland Wereldomroep

<http://www.rnw.nl/portugues>

Reuters

<http://br.reuters.com>

The Atlantic

<http://www.theatlantic.com>

Universitat Oberta de Catalunya

<http://catedramultilinguisme.uoc.edu>

Viet Tam

<http://www.viettan.org>

Palavras Chaves: Ásia, China, Irã, onda de revolta, censura, efeito dominó

A reação europeia em relação às revoltas no mundo árabe

Análise
Europa
Vinícius Tavares de Oliveira
14 de março de 2011

Desde o final do ano passado vários países do Norte da África e do Oriente Médio se transformaram em um amplo palco de grandes manifestações populares que visam derrubar ditadores que se perpetraram no poder por algumas décadas. A União Europeia, antes parceira dos países da região, mudou o discurso e já aprovou um pacote de sanções destinadas à Líbia. Uma ação mais intensa, como uma invasão, não esta totalmente descartada.

As revoltas no Norte da África e no Oriente Médio obrigaram a Europa a repensar a maneira de se relacionar com os países da região.

Anteriormente, o continente apoiava os ditadores como forma de conter a entrada de radicais islâmicos no poder dos países, além de receber ajuda no combate à imigração ilegal de refugiados da África para a Europa. Várias iniciativas, econômicas e políticas, foram empreendidas entre a União Europeia (UE) e os países daquela região. Na conjuntura atual, representantes do bloco europeu foram forçados a mudar seus discursos e criticar a forma pela qual os ditadores estão conduzindo a crise.

Nesta nova postura, a Europa já adotou sanções à Líbia¹ e opções como uma zona de exclusão aérea ainda estão em pauta, assim como invasões².

Histórico das relações políticas com a Europa

¹ <http://www1.folha.uol.com.br/mundo/882071-uniao-europeia-aprova-sancoes-contr-a-libia.shtml>

² A União Europeia afirmou que uma invasão deve ser feita a partir de um consenso da sociedade internacional.

Enquanto o radicalismo islâmico levou países da União Europeia a apoiar a intervenção no Afeganistão e a criticar o Hamas, há muito que a UE teme que revoluções populares islâmicas aconteçam em países mediterrâneos, preferindo apoiar uma estabilidade não democrática. O levante secular na Tunísia força agora a UE a repensar seu apoio a ditadores. (DEUTSCHE WELLE, 2011a)

Alguns analistas chegaram a comparar a política europeia para a região como sendo similar a política americana para os Estados da América Central nas décadas de 1970 e 1980, quando o país apoiava ditaduras para conter o avanço do regime comunista. Apoiar ditadores na região seria a maneira mais fácil de conter o avanço do Islã, em especial sua vertente radical.

Histórico das relações econômicas com a Europa

As relações comerciais entre os países do Magreb e a Europa tiveram início há mais de 70 anos. Os primeiros acordos foram assinados entre Marrocos, Argélia, Tunísia e, na época, a Comunidade Econômica Europeia (CEE), e datam de 1969. (DEUTSCHE WELLE, 2011a)

Vários produtos que vinham do Magreb recebiam isenções alfandegárias, especialmente petróleo, têxteis e couro. Contudo, demais produtos, como produtos agrícolas, eram sobretaxados para evitar a concorrência interna e proteger a atividade produtiva nos países europeus.

Na década de 1970, a parceria econômica passou por algumas mudanças. Agora, os produtos não teriam mais isenções alfandegárias, mas a Europa concederia empréstimos aos países da região para que pudessem modernizar seu parque industrial e produção agrícola.

Desde meados dos anos 1990, a UE anseia um acordo de livre comércio com os países do Magreb, no âmbito do chamado Processo de Barcelona. O bloco europeu já assinou uma série de acordos bilaterais com Tunísia, Marrocos e Argélia. Ao mesmo tempo, a UE reivindica desses países medidas concretas de proteção aos direitos humanos, bem como reformas políticas e sociais. (DEUTSCHE WELLE, 2011a)

Graças a um acordo firmado entre a União Europeia e países do Sul do Mediterrâneo, o bloco europeu envia bilhões de Euros anuais para a região. Paralelamente a isso, os europeus se comprometeram a reduzir as taxas alfandegárias gradativamente para que, em 2012, possa ser criada uma zona de livre comércio entre as duas regiões. Isso só ocorreria caso os países do Mediterrâneo cumprissem sua parte, realizando as ditas reformas políticas e sociais e respeitando questões de direitos humanos.

O apoio como forma de evitar refugiados africanos

A motivação que a União Europeia tem em fornecer apoio político e econômico aos países do Magreb se dá, principalmente, pelo fato de que estes, especialmente a Líbia, impedem que refugiados provenientes de outros países mais ao Sul da África ingressem em

território europeu ilegalmente.

Grande parte do combate à imigração ilegal é feita pela Líbia e articulada com o Primeiro Ministro italiano, Silvio Berlusconi. Esse disponibiliza lanchas e demais equipamentos necessários para a vigilância da região.

Contudo, não é somente a Europa que sai beneficiada desta relação. A Líbia pressionava os países europeus, cobrava por mais apoio e ameaçava, caso este apoio não se concretizasse, "não brincar mais de polícia para a UE". (DEUTSCHE WELLE, 2011b)

Com os protestos na Líbia e a mudança de postura da União Europeia em não apoiar mais o ditador Kadafi, a agência de proteção de fronteiras da União Europeia, Frontex, afirmou que existe um receio de que o fluxo de imigrantes ilegais aumente.

"Os que falam em dezenas de milhares de imigrantes ilegais que poderiam chegar às costas italianas não estão exagerando. Estamos muito preocupados", afirmou nesta segunda-feira, em Bruxelas, o chanceler italiano, Franco Frattini. (BBC, 2011a)

Desde o início dos protestos na Tunísia, a ilha italiana de Lampedusa, a 130 quilômetros da costa tunisiana, já recebeu mais de 6 mil imigrantes. Em todo o ano de 2010 este número foi de 20. A ilha tem uma população de 5 mil habitantes.

Para combater a imigração ilegal, o efetivo da Frontex será aumentado e a União Europeia enviará mais ajuda financeira à região do Mediterrâneo para que a população seja encorajada a permanecer em seus países de origem.

O que esperar do futuro

Os protestos na região do Magreb e Oriente Médio alteraram profundamente a forma pela qual a União Europeia se relaciona com a região. Se antes a ideia era manter ditadores no poder para evitar fluxos migratórios e a ascensão de radicais

islâmicos ao poder, agora a abordagem europeia foca em ajuda pesada aos países para que, no futuro, estes se tornem aliados.

Bilhões de euros estão sendo emprestados para os países que depuseram seus ditadores para que estes possam empreender reformas de infraestrutura e sociais.

A nova política europeia para o Magreb e Oriente Médio está sendo redesenhada e o futuro pode não ser o que os europeus desejam. Antes, eles exerciam uma influência muito maior, ao manterem economicamente os regimes autoritários. Agora, caso emergjam democracias deste processo transitório, os países estariam mais livres para negociar e atuar internacionalmente, o que poderá significar uma perda de influência na região.

O maior medo dos europeus em relação aos protestos e as deposições se encontram no processo migratório. Como visto anteriormente, o fluxo já aumentou e as autoridades estão realmente temerárias em relação ao futuro.

Em recente reunião com os líderes de Estado Europeus³, a UE aprovou um comunicado em que deixa claro a intenção de apoiar de maneira integral os processo democratização dos países e que, desde já, se coloca como principal aliada daqueles países. A declaração final⁴ contém sete páginas e, em todas elas, a UE afirma seu novo compromisso com a região e seu comprometimento com o processo de redemocratização e de reestruturação dos países que necessitarem.

Toda esta ajuda pode ser entendida como uma espécie de medo que os líderes europeus tem de que, no final deste processo, países com orientações anti-

ocidente emergjam e se voltem contra os interesses do bloco europeu.

Avaliar, de maneira completa, o real impacto que os protestos no mundo Árabe podem causar na Europa ainda pode ser arriscado, mas os líderes europeus não estão confortáveis com esta situação e, mais do que isso, temem que a perda de influência possa significar em grandes problemas migratórios e políticos.

Referência

Al Jazeera

<http://english.aljazeera.net//news/europe/2011/02/2011223102122200199.html>

BBC Brasil

http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2011/02/110222_uniao_europeia_imigracao_mb.shtml

http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2011/02/110223_uniao_europeia_libia_mb.shtml

BBC News

<http://www.bbc.co.uk/news/world-europe-12710271>

Deutsche Welle

<http://www.dw-world.de/dw/article/0,,14773560,00.html>

<http://www.dw-world.de/dw/article/0,,14779012,00.html>

G1

<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2011/02/ue-anuncia-ajuda-de-mais-de-250-milhoes-de-euros-a-tunisia.html>

Folha de São Paulo

³ <http://www.bbc.co.uk/news/world-europe-12710271>

⁴ A declaração pode ser encontrada na íntegra no site oficial da União Europeia neste link: http://europa.eu/news/index_en.htm

<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/82071-uniao-europeia-aprova-sancoes-contra-a-libia.shtml>

A atual situação do Egito e as perspectivas para a reconstrução do país

Texto Informativo
Oriente Médio e Magreb
Pedro Casas
14 de março de 2011

Após vários dias de protestos da população, Hosni Mubarak, presidente do Egito, há 30 anos no poder, renuncia. O ditador deixou o poder para o exército, e o anúncio de sua renúncia foi feito pelo vice-presidente, Omar Suleiman, através da TV Estatal. Desde então, as Forças Armadas estão governando o país, afirmando que pretendem administrá-lo por aproximadamente 6 meses, até que aconteçam as próximas eleições.

A Crise no Egito teve início em 25 de janeiro de 2011. Nesse dia, considerado o “dia de fúria”, milhares de pessoas foram às ruas protestar contra o governo de Hosni Mubarak. Pode-se dizer que esse motim contra o governo teve inspiração no levante tunisiano, chamado de “Revolução dos Jasmins”, que, no dia 14 de janeiro, levou o presidente Zine el Abidine Ben Ali, no poder desde 1987, a renunciar e fugir para a Arábia Saudita. Tais quedas estão ligadas diretamente às manifestações que estão ocorrendo em outros países árabes, como Líbia, Iêmen e Bahrein.

Nesse contexto, Mubarak declarou que não cederia à vontade da população e enviou às ruas, em um toque de recolher, tanques e tropas do Exército. Além disso, ele realizou mudanças dentro de seu governo e efetivou Omar Suleiman¹ como vice-presidente, cargo que era inexistente no Egito há 30 anos.

O Exército teve um papel importante nas manifestações. Em um comunicado, a entidade deixou claro que não usaria da força contra os manifestantes, a favor da liberdade individual.

¹ Para mais informações sobre Omar Suleiman, acessem: <http://www.bbc.co.uk/news/world-middle-east-12319666>

Um dos possíveis sucessores ao governo de Hosni Mubarak era seu filho Gamal, mas este deixou a liderança do partido como tentativa de acalmar a população.

Mubarak e os antecedentes históricos

Hosni Mubarak, ex-presidente egípcio, de 82 anos, é militar e foi comandante da força aérea egípcia durante a guerra do Yom Kippur². Chegou ao poder em 1975, ainda na condição de vice-presidente de Anwar Sadat. Em 1981, durante uma parada militar, o então presidente é assassinado, e Mubarak o sucede.

Desde então, abusos de autoridade se tornaram comuns, assim como constantes alterações nas leis e códigos do país, inclusive eleitorais. Mubarak venceu quatro eleições, sendo que em três ocasiões foi candidato único pelo Partido Nacional Democrático (NDP, em inglês).

A manutenção do presidente no poder se configurava como uma das mais duradouras ditaduras do mundo e seu governo foi marcado por irregularidades e, principalmente, pela corrupção.

No campo econômico, a liberalização permitiu o enriquecimento de pequenos grupos, contribuindo com o aumento das diferenças socioeconômicas. Não obstante as promessas de reformas, a população

² A guerra do Yom Kippur aconteceu em 1973, e foi um conflito armado onde uma coalizão formada por Egito, Síria e Iraque lutou contra Israel.

enfrentava altíssimos níveis de desemprego e pobreza.

As manifestações populares e a renúncia

Impulsionados pela queda do governo tunisiano, que durara 23 anos, os egípcios foram às ruas e milhares de pessoas ocuparam a Praça Tahrir no Cairo, capital egípcia.

Após 18 dias de intensas manifestações populares que resultaram em mais de 300 mortos, o governo de Mubarak caiu. Mas antes da queda, houve momentos dramáticos. Na quinta-feira, dia 10 de fevereiro, por exemplo, uma grande decepção tomou conta dos manifestantes: Mubarak, em discurso, negou que renunciaria, afirmando que ficaria no poder até as eleições, marcadas para setembro deste ano. Nesse discurso, Mubarak ainda avisou que passaria alguns dos poderes para seu vice e que não aceitaria nenhuma ordem que viesse do exterior, em resposta à grande repercussão internacional que o caso teve.

Porém, às 18h, horário local, do dia seguinte, Omar Suleiman, em discurso realizado em uma emissora egípcia, anunciou a renúncia do presidente.

Tal notícia foi motivo de muita festa. Na Praça Tahrir, símbolo máximo da luta popular, gritos de “o povo derrubou o governo” eram ouvidos por toda a parte.

Situação econômica

No Egito, cuja população é de aproximadamente 80 milhões de habitantes, a precária situação econômica foi um dos principais motivos que desencadeou a grande insatisfação com o governo vigente.

Aproximadamente 1/5 da população se encontra abaixo da linha da pobreza. Oficialmente, a taxa de desemprego é de aproximadamente 10%. Porém, fontes independentes afirmam que esse número varia entre 20% e 25%. Além disso, apesar dos níveis relativamente altos de

crescimento econômico durante os últimos anos, as condições de vida do povo permanecem ruins. (GLOBAL SECURITY, 2011)

Outro fato que incomoda muito a população se refere à riqueza de Mubarak. Especula-se que a sua fortuna chega a ser duas vezes maior que a dívida externa do país. (THE GUARDIAN, 2011)

O governo provisório e a oposição

Com a queda do governo de Mubarak, o poder foi entregue às Forças Armadas. Os militares afirmam que o povo confia neles e que não há a intenção de se manterem no governo. O Conselho Militar pretende entregar o poder aos civis por meio de um processo eleitoral e está tomando algumas medidas, tais como a formação de um conselho de juristas para estudar a reforma da Constituição egípcia. O Conselho militar também dissolveu o Parlamento, suspendeu a Constituição e anunciou a pretensão de permanência no governo pelo próximo semestre ou até que as eleições aconteçam.

Mohamed ElBaradei, antigo diretor-geral da Agência Internacional de Energia Atômica (AIEA) e cujo trabalho reconhecido lhe rendeu um Prêmio Nobel, em 2005, foi ativo nas ondas de protestos, e é reconhecidamente um dos líderes da oposição e considerado, por muitos, como o pai da revolução que derrubou Mubarak. O líder afirmou estar apreensivo nesta transição conduzida pelos militares. Para ele, é uma situação complicada tê-los como ponte entre a ditadura e a democracia. ElBaradei também afirma que um dos motivos para essa preocupação latente é o fato do governo provisório “não ter estendido a mão ao povo” e, nesse sentido, ele crê que deveria ser dado um pouco mais de atenção à nação, pois ninguém sabe o que se passa nesse governo. Faltam notícias do que está acontecendo nos bastidores, e isso é ruim para a população. ElBaradei ainda teceu algumas críticas a países como

o Brasil e a África do Sul, por não se pronunciarem contra o governo ditatorial de Mubarak em detrimento da não-intervenção e da solidariedade com países em desenvolvimento.

Repercussão Internacional

Mesmo sendo próximo aos Estados Unidos, e um dos únicos países árabes a ter relações com Israel, muito se pergunta como serão, a partir de agora, as relações exteriores do Egito com outros países.

Os EUA enviaram cerca de US\$ 150 milhões para ajudar na transição para a democracia e promover a recuperação econômica. Em virtude de todas as paralisações, vários setores importantes da economia tiveram suas atividades interrompidas. O turismo, uma das maiores fontes de renda, foi totalmente prejudicado também, mas já demonstra sinais de retomada. (EXAME, 2011)

Em Israel é grande o medo de que a Irmandade Muçulmana chegue ao poder. Para o Primeiro-ministro israelense, Benjamin Netanyahu, apenas com Mubarak a paz poderia ser mantida e as relações Israel-Egito poderiam continuar as mesmas. Por isso, Netanyahu até mesmo pediu que países europeus e os EUA apoiassem o antigo ditador egípcio. (THE GUARDIAN)

O Brasil, por meio do Itamaraty, espera que a transição política naquele país transcorra de forma democrática e dentro do respeito às liberdades políticas e civis e aos direitos humanos da população, em ambiente de paz e tranquilidade. (MRE)

A Organização das Nações Unidas (ONU), de acordo com o Subsecretário-geral para Assuntos Políticos, B. Lynn Pascoe, está pronta para apoiar a transição política do Egito. Em conferência de imprensa no Cairo, o Subsecretário afirmou que o processo deve ser feito por e para os egípcios. (UNICRIO, 2011)

Considerações Finais

Uma pergunta que pode se levantar a

partir disso tudo é sobre o período de transição. O simples fato do governo de Mubarak ter renunciado não implica o surgimento “automático” de uma democracia. A questão é muito mais delicada.

O futuro ainda é muito incerto. Não se sabe muito bem quem irá entrar no poder. A Irmandade Muçulmana, que recentemente criou o partido "Libertação e Justiça", é grande candidata a assumir o poder, mesmo tendo declarado que não o anseia³. (ESTADÃO, 2011)

Segundo o líder do partido, Mohammed Badia, o intuito do grupo é representar a população, da qual 90% são muçulmanos, e garantir um futuro melhor, onde o Egito possa retomar seu posto de liderança na região. É importante reforçar que a Irmandade Muçulmana foi proibida de atuar no país desde 1954, mas mesmo assim é o grupo mais bem organizado da oposição.

Dessa forma, atualmente o problema do Egito é estrutural, pois, devido aos 31 anos do governo de Mubarak e às políticas implementadas por ele, houve uma negligência “proposital” quanto às reformas e mudanças. Como consequência, a população vem sofrendo problemas tanto econômicos quanto sociais. A pouca perspectiva de mobilidade social e de emprego para a juventude é um dos exemplos.

Logo, nesse processo de transição, deve-se ter muita atenção em cada passo a ser tomado. A democracia não é instaurada de um dia para o outro. É um processo delicado, e qualquer etapa queimada poderá colocar o futuro em risco. Assim, é muito importante dar-se atenção às reformas políticas, pois são estas que podem garantir que o Egito volte a ser um país forte dentro de sua região, onde tem grande importância para o processo de paz.

³ Essa declaração pode ter sido dada com o intuito de acalmar os países que temem com ascensão da Irmandade Islâmica ao poder.

Referências

BBC

<http://www.bbc.co.uk/news/world-middle-east-12319666>

Estadão

<http://www.estadao.com.br/noticias/internacional,saiba-quem-e-quem-na-crise-do-egito,673825,0.htm>

<http://www.estadao.com.br/noticias/internacional,irmandade-muculmana-descarta-buscar-o-poder-no-egito,677306,0.htm>

Folha de S. Paulo

<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/873730-apos-30-anos-no-poder-ditador-hosni-mubarak-renuncia-no-egito.shtml>

<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/873649-mubarak-assumiu-apos-assassinato-de-presidente-veja-cronologia.shtml>

Exame

<http://exame.abril.com.br/economia/mundo/noticias/turismo-comeca-a-ser-retomado-na-tunisia-e-no-egito>

Foreign Affairs

<http://www.foreignaffairs.com/articles/67371/khairi-abaza/uniting-egypt-opposition>

Global Security

<http://www.globalsecurity.org/military/world/egypt/politics.htm>

<http://www.globalsecurity.org/military/world/tunisia/politics.htm>

Itamaraty

[http://www.itamaraty.gov.br/sala-de-](http://www.itamaraty.gov.br/sala-de-imprensa/notas-a-imprensa/situacao-politica-no-egito)

[imprensa/notas-a-imprensa/situacao-politica-no-egito](http://www.itamaraty.gov.br/sala-de-imprensa/notas-a-imprensa/situacao-politica-no-egito)

Luis Nassif Online

<http://www.advivo.com.br/blog/luisnassif/elbaradei-exercito-preocupa>

O Globo

<http://g1.globo.com/jornal-da-globo/noticia/2011/02/hosni-mubarak-nao-renuncia-mas-passa-poder-para-ovice.html>

<http://oglobo.globo.com/mundo/mat/2011/02/11/mubarak-30-anos-de-poder-de-rejeicao-pelos-egipcios-923777129.asp>

<http://g1.globo.com/crise-no-egito/noticia/2011/02/em-meio-protestos-presidente-do-egito-deixa-o-cairo.html>

Terra

<http://noticias.terra.com.br/mundo/noticias/0,,OI4965079-EI17594,00-ONU+diz+estar+disposta+a+ajudar+Egito+durante+transicao.html>

The Economist

http://www.economist.com/node/18186984?story_id=18186984

The Guardian

<http://www.guardian.co.uk/world/2011/feb/04/hosni-mubarak-family-fortune>

<http://www.guardian.co.uk/world/2011/jan/31/israel-egypt-mubarak-peace-treaty-fears>

Centro de Informações das Nações Unidas

<http://unicrio.org.br/onu-promete-apoio-continuo-a-transicao-do-egito/>

Palavras chave: Egito, Hosni Mubarak, Manifestações, Oriente Médio, Renúncia.

Conjuntura Internacional

Pontifícia Universidade Católica – MG

Presidente da Sociedade Mineira de Cultura: Dom Walmor Oliveira de Azevedo

Grão-Chanceler: Dom Walmor Oliveira de Azevedo

Reitor: Dom Joaquim Giovanni Mol Guimarães

Vice-reitora: Prof^a. Patrícia Bernardes

Assessor especial da reitoria: Prof. José Tarcísio Amorim

Chefe de Gabinete do Reitor: Prof. Osvaldo Rocha Tôres

Conjuntura Internacional

Chefia do Depto de Relações Internacionais: Prof. Danny Zahreddine

Coordenação do Curso de Relações Internacionais: Prof. Danny Zahreddine

Coordenação-Geral: Prof. Leonardo César Souza Ramos

Conselho acadêmico: Prof. Danny Zahreddine
Prof. Rodrigo Corrêa Teixeira
Prof^a. Liana Araújo Lopes

Membros: Carlos Roberto de Souza Junior; Marina Scotelaro de Castro; Pedro Casas Vilela Magalhães Arantes; Rafael Bittencourt Rodrigues Lopes; Vinícius Tavares de Oliveira.

Os textos aqui divulgados são de inteira responsabilidade de seus autores e não representam a opinião oficial do grupo.

Av. Dom José Gaspar 500, Instituto de Ciências Sociais,
prédio 47, sala 105 - Coração Eucarístico - Belo Horizonte -
MG - CEP 30535-901 Tel: (31) 3319-4495 email:

ci@pucminas.br website:

<http://www.pucminas.br/conjuntura>